

O  
CARAPUCEIRO

07 DE SETEMBRO  
DE 1833



# O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis,  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE NELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA.

SOCIEDADE ANTI RESTAURADORA.

Hoje 7 de Setembro, Anniversario do maior Dia do Brazil, por ser o dia nossa gloriosa Independencia, tem de instalar-se nesta Capital huma Sociedade Patriótica sob a denominação de Sociedade Anti Restauradora. A denominação não se assasmeulca ás suas intenções, que não podem ser outras, se não pôr em pratica todos os meios de fazer face á revolução mais horrivel, por que pôde passar o presente Imperio do Brazil. Nada me parece mais convinavel ás nossas circumstancias, do que a creação de huma Sociedade, que toma a peito, e como sua principal tarefa, o coadjuvar o Governo, a cortar o passo a os terríveis desenhos dos restauradores.

Esta Sociedade, que posso asseverar, será acolhida, e propagada por todo o Brazil, enderessando-se primeiramente a sustentar o Throno Constitucional do Snr. D. Pedro 2.º, e a fazer toda a barreira possível a o regresso do perfido Duque de Bragança, venha elle sôb o titulo, que vier, compromette-se por outra parte a manter côber, quanto nella, o predomínio da lei, sem a qual todas as medidas seriã frustraneas, todos os passos mal firmes, todo o resultado depreçaria.

Na ordem das cousas humanas é impossível fôr, que a nova de huma restauração projectada, e já quasi emminente deixasse de levar o susto, a consternação, e o odio a os últimos rincões do nosso Brazil. E em verdade esta acua se em hum estado

convulsivo, bem proximo á revolu-  
 ção. Assim como no corpo humano  
 a irritaçã de hum orgão principal  
 traz quasi sempre a de outro, que  
 com elle sympathyzã, dó mesmo  
 modo a paixã dominante de hum  
 Povo huma vez excitada, exalta os  
 receios, o ciume, a vingança, a dis-  
 cordia, e todos os devaneios. Infe-  
 lizmente huma triste experiencia tem-  
 nos assás escarmentado de que a mór  
 parte dos nascidos em Portugal sã  
 avessos á liberdade do Brazil, empe-  
 cendo-a em todas as epochas, e mo-  
 strando-se sempre nossos inimigos.

D'aqui a desconfiança, d'aqui a ri-  
 validade, que a respeito desses Surs.  
 se encontra por todo o Brazil, o qual  
 está alta, e profundamente conven-  
 zido, que a maioria dos adoptivos  
 abraçará sempre qualquer empreza,  
 huma vez que nella se lhe antolhe a  
 degradaçã, e abatimento do Povo  
 Brasileiro. E não he isto huma ver-  
 dadeira desgraça? Elles vivem enter-  
 laçados comnosco de tal maneira, q'  
 os seus males repercutem sobre nós,  
 e vice-versa. Qual será pois o meio  
 de sanear essa desconfiança, dando  
 ao mesmo passo a os adoptivos aquel-  
 la seguridade, que seja capaz de os  
 ter tranquillos, e desassombrados  
 no meio de nós? Eu passo a expor-  
 lh'o, por ser hum dos objectos da  
 Sociedade; e deixo á sua considera-  
 çã o pezarem-o com o necessário  
 criterio.

Não me me desconhecida a indis-  
 posição, que me tem a mór parte  
 desses Surs. adoptivos; não que o  
 eu haja offendido, nem em sua fa-  
 zenda, nem em sua honra, e menos  
 em sua vida; se não só, e unica-  
 mente pelas minhas opiniões politi-

cas, e por que não sei proceder, co-  
 mo certos Brasileiros, que libran-  
 ando-lhes as suas idéas contra o Bra-  
 zil, quando com elles estão, e lo-  
 que lhes merecem o titulo de honra-  
 dos, n'auzencia, e em occasiões cri-  
 ticas sã, os seus mais desapie-  
 dos inimigos, como para deste modo ab-  
 solverem-se da sua apostazia politica.  
 Leaõ-me pois os Surs. adoptivos, de-  
 ponhaõ por hum pouco os prejuizos,  
 e caprichos, e deem toda a folga á  
 sua rasaõ.

Não he possivel, que á vista de  
 hum mal taõ consideravel, e horro-  
 roso, qual o da restauraçã, que nos  
 assena, os Brasileiros se aquietem,  
 e não sejaõ entrados de mil desconfi-  
 anças, estando torneados de adopti-  
 vos, da mór parte dos quaes vivem  
 em continuos receios, e sempre des-  
 gostosos. Eu não sustento, que taõ  
 prevençã seja sempre rasoavel, e  
 justa a respeito de muitos individuos:  
 mas ella existe; e cumpre, quando  
 não extingulla, a o menos agoren-  
 tala, quanto possivel fôr. E o unico  
 meio, a meu ver, de darem esses  
 Surs. adoptivos hum passo de tal na-  
 tureza, que os Brasileiros não se  
 convencão de que elles nãtilhaõ os  
 mesmos interesses, e estáõ igua-  
 lmente dispostos a repellir qual ver-  
 tentã seja, que se encaminhe a destru-  
 ir da maneira que fôr á nossa Inde-  
 pendencia, e o Throto Constitucio-  
 nal do Snr. D. Pedro 2º

Basta, que todos, quantos quize-  
 rem, façã hum protesto sãe, e  
 espalhado pela imprensa, e rubrica-  
 do com os seus nomes, onde de-  
 clarem a todo mundo, que não li-  
 ve, e espontaneamente são inimi-  
 gos da restauraçã de D. Pedro Du-

de Bragança; pelo que protesta  
 por suas pessoas, por suas posses, e  
 os meios a seu dispôr fazer bar-  
 reira a esta desastrosa revolução, cru-  
 zando-se de muito bom grado á opi-  
 nião pública do Brazil, que tanto se  
 pronunciado contra a restaura-  
 ção. Eis aqui, ó Europeos, a vossa  
 taboa de salvação. Lançai-vos nos  
 nossos braços; q' não tereis de arre-  
 pender-vos: congraçai-vos com a von-  
 tade Nacional, e vereis quam descer-  
 rado, e sereno se vos antolhará o  
 nosso horizonte. Na horrivel luta,  
 para que nos preparamos, ninguem  
 está mais arriscado, do que vós. O  
 dia fatal, em que soasse huma voz,  
 bradando — *Ahi estão D. Pedro de*  
*Bragança, e seus Janizaros, q' que-*  
*rem invadir os nossos portos* — seria  
 hum arremêdo do dia final do Uni-  
 verso; seria a senha de huma carni-  
 ficina horrivel contra vós; pois não  
 haveria força, que podesse refrear o  
 Povo desconfiado, e vingativo. Ai!  
 E que scenas tão cousternadôras me  
 salteão a fantazia só de o imaginar!  
 O que seria, se nos prezenceassemos?  
 Quantas esposas alysmadas na dor!  
 Quantas filhas orfãs e desamparadas!  
 É como he possível, que magri-  
 mas, os soltoes, e lambeos de tan-  
 tas e tão mimozas pernambucanas  
 não apunhalassem os nossos corações?  
 Que monstro poderá ver de olhos en-  
 chutos a morte de huma a hum Euro-  
 peo (que he sempre quasso irmao)  
 cruamente assassinado no meio dos  
 horrores da guerra; e huma Pernam-  
 bucana ternissima despedaçando-se  
 de magoa, filhinhos, que clama  
 chorosos, e innocentes a perda de  
 seu pai?

Europeos, eu vos faço justiça

vós sois homens, e muitas vezes  
 bons espozos, e pais mui' ternos.  
 Reflecti seriamente na crizd arrisca-  
 da, em que nos achamos. Não deis  
 ouvidos a mêm duzia de filhos do Bra-  
 zil, que por mui ambiciosos, e vin-  
 gativos não se gelão de horror á sim-  
 ples idéa de huma restauração. Des-  
 pi enveterados prejuizos, e conven-  
 cei-vos, que o Brazil já agora não  
 retrograda. Não escuteis as seducões  
 desses apostatas, desses traidores,  
 que mui facilmente soem desampa-  
 rar-vos no maior perigo, sacrifican-  
 do-vos á sanha popular. Que foi,  
 quem com vós praticou esse mesmo  
 D. Pedro? Primeiro procreveo-vos,  
 ensinou a os Brasileiros, que vós  
 levassem a ferro, e fogo; a o depois  
 que pertendeo ser absoluto angari-  
 ou-vos, comprometeo-vos; e por ul-  
 timo lá foi *quixotar* pela Europa, dei-  
 xando-vos expostos ás vinganças dos  
 naturaes, que por mui' benignos  
 soberadõ conter-se, e perdoar-vos.

Embora dissesse já esse mesmo D.  
 Pedro, que a *Arvore da Liberdade*  
*não se rega sem sangue*, expressão  
 barbara mais propria de hum Marat,  
 que de hum Principe Christão. A mi-  
 nha alma recua de horror com a  
 idéa de destruição de meus seme-  
 lhantes, e em vez de proferir essa  
 propozição, que melhor cabia a o li-  
 beralismo selvagem da Grecia, e  
 Roma, sustentarei, que a Arvore da  
 Liberdade deve ser plantada sobre  
 os bons costumes, e regada pelo ri-  
 cio das virtudes sociais, sendo a pri-  
 meira a Justiça: pelo que tudo, que  
 não he justo não he, á meu ver,  
 nem livre, nem estavel, nem con-  
 veniente a os homens em sociedade.  
*A salvação do Povo* (clama-se a ca-

da passo) *he a lei suprema*, principio mui' vago, que abre a porta a innumeraveis abusos. Melhor fôra dizer, que a Lei suprema de salvação do Povo he não afastar-se este das regras eternas do justo, e do honesto.

Europeos, outra vez suplico a vossa attenção, outra vez vos lembro o perigo, que nos ameaça e ainda mais a vós, do que a nós mesmos. As paixões achad-se em fermento, os animos sobejamente irritados: qualquer incidente basta para arrojarnos a os ultimos excessos. Accaso desconhecês a antipatia, que em geral vos consagraõ os naturaes do Brazil? Nad vos occorre, que no terrivel cazo de apparecer a restauração, vós serieis as primeiras victimas, votadas ás iras do Povo? Não, ó filhos da antiga Metropole, não vos deixeis fascinar de quimericas esperanças, nem das sugestões desses Brasileiros degenerados, que vos acaresciad, não por amizade; mas só para engrossarem o seu infame partido.

• Declarai vos pois mui' decisivamente contra huma revolução, que tem de prejudicar-vos mais, do que a ninguem, hu na revolução, que vos proscriveria do Brazil; talvez para sempre. Se derdes esse passo, que a prudencia e os vossos proprios interesses vos aconselhaõ, contai, que a Sociedade Anti-restauradora, Socie-

dade composta dos mais conspícuos Brasileiros será humba arte inexpugnavel, que estada na lei, defenderá as vossas propriedades, a vossa vida de qualquer insulto, e da gente insoluta, que aproveita as desordens publicas para saciar as suas desregradas paixões.

Saiba em fim todo o Universo, que aquelles que adoptárad pôr Patria o Brazil são unanimes em sentimentos com a maioria dos Brasileiros natos em se oppôr vigorosamente ás infernaes tentativas dessa vergonhosa, e desgraçadissima restauração. Acabem as desconfianças, esvaeçaõ-se os receios; e dest'arte quebrantem se as esperanças dos perversos, que maquinad pôr fogo ao nosso Brazil. Imitai, ó Cidadãos adoptivos, o nobre character de alguns dos que, como vós nascerad no antigo Reino; mas hoje, que connosco identificard, vivem no nosso Armio, gozad de toda a nossa confiança, e parti-lhad a mim os vossos trabalhos, como a nova gloria. Brasileiros adoptivos, não meted-me as mãos e as reflexões, que venho de fazer-vos, pezaes huma e muitas vezes, e deliberaí-vos. Deseja-vos só o cego paz, e prosperidade; e por isso assim vos falla de todo o coração.

*O Somnambulo, que he  
mesmo Redactor do Carapuceiro.*

No Typ. Fididigna de L. N. de  
Mello, R. das Flores D. 17.